

**RUGGIERI, Michele (1543-1607) e RICCI, Matteo (1552-1610) –**  
***Dicionário Português-Chinês*, ed. John W. Witek, S. J. Lisboa:**  
**Biblioteca Nacional, 2001, 535 p.**

A introdução que é de J. W. Witek figura também em inglês e em chinês e é parte de um estudo apresentado na Associação de História da China de Hong-Kong, no seu encontro anual, nos dias 3 e 4 de Maio de 1996. O autor começa com uma citação de P. Wagstaff: «Um dicionário é um espelho que arbitrariamente parou a imagem num determinado presente, reflectindo o caminho percorrido até esse momento». A missionação colocava problemas diversos de que se aperceberam S. Francisco Xavier e Alessandro Valignano; um deles era a diversidade de línguas da Ásia. Concluíram que se tornava imperioso aprendê-las para missionar.

O grande desejo dos jesuítas era penetrar na China, mas não tiveram logo êxito como informa M. N. Barreto (1519-1571). Valignano que na Índia se preocupou com a criação de tipografias nas línguas concani e tamil esteve às portas do Império do Dragão, mas não conseguiu entrar. Queria que a doutrina cristã chegasse ao conhecimento dos indígenas nas suas línguas que eram as do Japão, das Molucas, das Ilhas dos Pescadores, de Salsete, de S. Tomé e de Bassaim.

Depois de ter constatado que os esforços para converter os chineses locais não eram bem sucedidos, tomou a decisão em Macau de enveredar por outros caminhos. Vira que não tinha sentido o facto de os portugueses obrigarem os conversos a adoptar nomes portugueses, vestirem-se à maneira portuguesa e seguir costumes portugueses. Intrigava-o também que, embora a Igreja estivesse às portas da China, nenhum missionário tivesse entrado e ali estabelecer uma base permanente. Um facto curioso ilustra bem o que se estava a passar: a 21 de Novembro de 1565 o P. F. Pérez acompanhou as autoridades portuguesas numa missão diplomática a Cantão. Explicou aos chineses que ensinava a religião de Deus, pediu autorização que lhe permitisse a ele e a outros levar a doutrina cristã ao povo e criar uma pequena residência estável em Cantão. As autoridades chinesas puseram-lhe algumas questões sobre o Cristianismo, deram-lhe uma peça de pano para usar como sinal de que era mestre e homem de Deus, e depois perguntaram-lhe se trouxera livros. Respondeu que apenas tinha o breviário e que tinha deixado

os outros em Macau. De repente, um dos funcionários perguntou-lhe se sabia a língua chinesa. Como respondesse negativamente, o funcionário disse que não era autorizado a deslocações dentro da China, já que necessitaria sempre de um intérprete. Mas, se soubesse a língua, não haveria qualquer problema (vid. H. Bernard, *Le Père Matthieu Ricci et la Société chinoise de son temps*, 2 vols., Tientsin, 1937, 1: 55-56; e P. D'Elia, *Fonti Ricciane*, 3 vols., Roma, 1942-1949, 1: 143, nota 1).

O primeiro passo fundamental era, pois, ter missionários a falarem, lerem e escreverem chinês. Foi então que Michele Ruggieri chegou a Macau tendo depois tido um papel determinante na nova orientação missionária. Na costa do Malabar aprendeu a língua local e depois Valignano recomendou-lhe que aprendesse o mandarim, “a mais universal das línguas”. Recorreu a um artista chinês que tinha bons conhecimentos de português para lhe ensinar o seu idioma. E pediu a Valignano que mandasse Ricci para Macau onde, devido aos atrasos da correspondência, só se veio a encontrar a 7 de Agosto de 1582. Ruggieri continuava a sua actividade e prosseguia na aprendizagem do chinês. Em Cantão foi muito bem recebido pelas autoridades locais. Ricci, desejoso de conhecer o idioma mandarim, esforçava-se com a ajuda de outros, em especial de Ruggieri, para o conseguir. E, a pouco e pouco, alcançou o seu desiderato. Pela leitura da documentação chegada até nós podemos acompanhar de perto o que significou a convicção de que conhecer o mandarim para o apostolado dos padres jesuítas era essencial.

O dicionário manuscrito encontra-se num volume encadernado, lendo-se numa tira de papel colada no interior da capa: «Este é o dicionário europeu-chinês feito por Ruggieri – Ricci e é o primeiro do género. A romanização italiana é, provavelmente, de Ricci e muitas vezes a escrita de Ruggieri. No início aparece o primeiro catecismo de 1583-1588 e algumas ideias sobre cosmografia. Obra de grande valor. Outubro 6, 1934. P. P. D'Elia S. J.». Foi este padre jesuíta que em 1934 trabalhando no *Archivum Romanum Societatis Iesu* encontrou o manuscrito que consiste em 189 fólios escritos em papel chinês e é precedido por várias notas linguísticas, religiosas e científicas escritas por Ruggieri ou Ricci. O mesmo D'Elia escreveu um pequeno artigo sobre este dicionário (“I primo dizionario Europeo-Cinese e la fonetizzazione Italiana del Cinese”, in *Atti del XIX Congresso Internazionale degli Orientalisti*, Roma, 1938, pp. 172-178.

Vem depois uma introdução histórico-linguística feita por Paul Fu – Mien Yang S. J. que começa por falar dos profundos conhecimentos que Ricci tinha do chinês (nas suas cartas refere-se ao seu estudo e aos progressos que ia fazendo, estabelecendo o ano de 1582 como o do início da aprendizagem e o de 1595 como o ano em que começou a dominar com perfeição aquele idioma escrito e falado. A sua memória era prodigiosa e muito o ajudava nessa difícil tarefa de penetrar nos segredos do idioma chinês. Numa carta a Acquaviva de 20 de Outubro de 1585 escreve: «Graças a Deus, tenho sido sempre saudável e já consigo falar com todos os chineses sem recorrer ao intérprete e ler de forma medíocre os seus livros» (in Tacchi-Venturi, *Opere Storiche* II: 60); noutra missiva, agora ao P. Girolamo Costa, de 12 de Outubro de 1594, diz: «Este ano decidi contratar um professor, algo que não fiz nos últimos sete ou oito anos porque estive ocupado noutras coisas. Queria ver se era capaz de compor alguma coisa em chinês e fui bem sucedido. Todos os dias, tenho duas aulas com o professor e escrevo alguma coisa sozinho. Sinto-me encorajado porque a partir de agora posso escrever um livro sobre a nossa fé de acordo com a razão natural. Depois de impresso, será distribuído por toda a China» (*Lettere*, p. 189). Muitos letrados chineses, incluindo o governador de Kiangsi, Lu Wan-kai', pediram a Ricci que lhes ensinasse a arte de memorizar. Grandes intelectuais chineses como Li Chih, Li Jih-hua e Hsieh Chão-che enaltecera antes e depois da morte do “Sábio do Ocidente”, Li-Mandou, as suas altas qualidades. Mesmo alguns anti-cristãos como Ying Hui-chi'en e Yu YUng-ho lhe reconheceram o extraordinário valor intelectual.

Outros temas versados por Paul Fu – Mien Yang são: a variedade do dialecto chinês de Ruggieri e Ricci, os estudos linguísticos e históricos e o sistema de romanização de Ricci, a descoberta e conteúdo do dicionário português-chinês Trata a seguir da organização do dicionário e dum possível dicionário chinês-português de Ricci, pois na sua *História* ao relatar a viagem de Pequim para Nanquim, no Inverno de 1598, acompanhado pelo Irmão Sebastião Fernandes e pelo P. Lazzaro Cattaneo, diz: «A viagem até Lincin (Linchi'ing) demorou um mês. Para evitar desperdiçar tempo durante o percurso, ao mais velhos da missão, com a ajuda do Irmão Sebastião, que sabe muito da língua da China, compilaram um belo dicionário (*fecero un bello vocabulario*) que, de acordo com as regras tratava de todas as

coisas relativas a esta língua pelo que a partir de agora todos poderiam aprender facilmente a língua. Dado que a língua é composta de palavras ou caracteres monossilábicos, será necessário escutar e repetir a pronúncia (tons) e aspiração sempre que tal ocorrer em cada palavra; com este tipo de pronúncia, distinguem e compreendem muitos caracteres e palavras sem o que parecem ser iguais. Isto é o que torna a sua língua mais difícil de aprender. Para distinguir bem as palavras que são aspiradas, inventaram cinco tipos diferentes de acentos. Foi grande a ajuda do P. Cattaneo neste capítulo devido aos seus conhecimentos musicais. Observava e distinguia os tons muito bem. Assim, decidiram utilizar cinco sinais de acento e um sinal de aspiração, fazendo uso destes sinais ao escrever o som de um carácter juntamente com as nossas letras romanas. Escreviam tudo desta forma para que houvesse uniformidade. O Padre M. Ricci mandou que a partir daquela altura todos os missionários jesuítas observassem aquelas regras, não permitindo que escrevessem como entendiam. Se assim não fosse a confusão seria muita. Desta forma, pode comunicar-se através deste dicionário. Outros que venham a compilar mais tarde serão compreendidos por todos e, da mesma forma, uns podem ajudar aos outros com os seus textos e notas cujo resultado último será sempre em benefício desta ciência» (FR II: 32-33). De interesse se reveste ainda o que escreve acerca de outros aspectos como o sistema de romanização segundo Ruggieri e o sistema fonético do dialecto mandarino da dinastia Ming.

Como conclusão, Paul Fu – Mien Yang escreve: «O *Dicionário de Português-Chinês* de Ruggieri e Ricci é uma fonte muito rica para o estudo do dialecto mandarino da dinastia Ming». Foi provavelmente o primeiro dicionário bilingue europeu-chinês (mandarim) compilado pelos missionários para aprenderem chinês falado, ou seja, o dialecto mandarino da dinastia Ming. Outras conclusões reportam-se à romanização do texto, aos dados fonológicos e lexicais incluídos no dicionário e à origem dos professores de Ricci que seriam de Cantão ou Fukien

De referir ainda a bibliografia desta obra notável na qual vem apresentada uma lista de obras de índole linguística e histórica de autores chineses e outros. Destacamos alguns: D. Bartolo, J. Deherg, P. D'Elia, A. Gouveia, A. Kircher (*China illustrata*), M. Martini, L. Pfister, M. Ricci, M. Ruggieri, P. Tacchi-Venturi, J. Wicki, etc.

Trata-se de uma excelente obra de que muito poderão beneficiar os estudiosos nas suas pesquisas relativamente ao idioma que Ricci e os seus companheiros aprenderam e usaram para comunicar.

*Manuel Augusto Rodrigues*

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC.

mrodrigues@ci.uc.pt

**RICCI, Matteo – *Dell'Amicizia*, por Filippo Mignini, 1.<sup>a</sup> ed., Macerata: Quodlibet, 2005; 2.<sup>a</sup> ed., 2010, 216 p.**

A Mignini, bom conhecedor de M. Ricci, deve-se a feliz ideia de dar à estampa este famoso tratado do grande padre jesuíta no âmbito do centenário da sua morte. O livro, impresso em chinês no ano de 1595, na cidade de Nanchang, com o título *Jiaoyou lun*, teve várias edições e foi incluído na grande enciclopédia chinesa *Gujin tushu jicheng* em 1726. Os diversos estudos sobre este tratado em chinês e noutras línguas revelam a importância de que se reveste.

A reconstrução da actividade de Ricci na China baseia-se fundamentalmente nas suas obras: *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*, sob a direcção de P. Corradini, elaborada por M. Del Gatto, com prefácio de F. Mignini, Macerata, 2000; *Lettere (1580-1609)*, direcção de P. Corradini, realizada por F. D'Arelli, prefácio de F. Mignini, com um estudo de S. Bozzola, Macerata, 2001. Mas convém ter presente *Fonti Ricciane: documenti originali concernenti Matteo Ricci e la storia delle prime relazioni tra l'Europa e la Cina (1579-1615)*, edição e comentário do P. D'Elia, sob o patrocínio da Real Academia de Itália (Edição nacional das obras publicadas e inéditas de Matteo Ricci), 3 vols., Roma, 1942-1949 (I. *Storia dell'introduzione del Cristianesimo in Cina: da Macerata a Nanciam (1582-1597)*, libri 1-3; II. *Storia dell'introduzione del Cristianesimo in Cina: da Nanciam a Pechino (1597-1611)*, libri 4-5; III. *Appendici e indici*); e *Opere storiche del P. Matteo Ricci S. I.*, edição de do "Comitato per le onoranze nazionali", com prolegómenos, notas e tabelas